

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
PEDAGOGIA BILÍNGUE

NARALINNY PEREIRA ROSA

A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO ENTRE SURDOS E OUVINTES NO
AMBIENTE EDUCACIONAL: UM RECORTE NO
CURSO DE PEDAGOGIA BILÍNGUE

APARECIDA DE GOIÂNIA

2022

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autora: Naralanny Pereira Rosa

Matrícula: 20161090080278

Título do Trabalho: A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO ENTRE SURDOS E OUVINTES NO AMBIENTE EDUCACIONAL: UM RECORTE NO CURSO DE PEDAGOGIA BILÍNGUE.

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

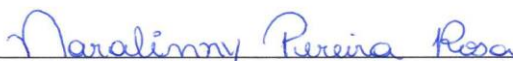
- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 16 / 02 / 2022.
Local Data



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

NARALINNY PEREIRA ROSA

**A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO ENTRE SURDOS E OUVINTES NO
AMBIENTE EDUCACIONAL: UM RECORTE NO
CURSO DE PEDAGOGIA BILÍNGUE**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG, Campus Aparecida de Goiânia, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia Bilíngue.

Orientador: Prof. Me. Thiago Cardoso Aguiar.

APARECIDA DE GOIÂNIA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R789

Rosa, Naralinny Pereira

A importância do relacionamento entre surdos e ouvintes no ambiente educacional: um recorte no curso de pedagogia bilíngue. / Naralinny Pereira Rosa. - Aparecida de Goiânia, 2022.
41 f.

Orientador: Ms. Thiago Cardoso Aguiar.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, 2022.

1. Educação bilíngue. 2. Inclusão. 3. Alunos surdos e ouvintes. 4. Interação. I. Título

CDD 371.912

Catalogação na publicação:

Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

Termo de Aprovação

NARALINNY PEREIRA ROSA

A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO ENTRE SURDOS E OUVINTES NO AMBIENTE EDUCACIONAL: UM RECORTE NO CURSO DE PEDAGOGIA BILÍNGUE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Bilíngue, sob orientação do Prof. Thiago Cardoso Aguiar.

Aprovado em 9 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Thiago Cardoso Aguiar

Presidente da banca / Orientador

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof.ª Flávia de Almeida Pinheiro

Membro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof.ª Josiane dos Santos Lima

Membro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Aparecida de Goiânia – GO

2022

Documento assinado eletronicamente por:

- Flávia de Almeida Pinheiro, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 22/02/2022 19:58:47.
- Josiane dos Santos Lima, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 22/02/2022 19:35:55.
- Thiago Cardoso Aguiar, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 22/02/2022 19:31:11.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 01/02/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.ifg.edu.br/autenticar_documento/ e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 241648

Código de Autenticação: 7245e8bc28



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Avenida Universitária Vereador Wagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP 74968-755
(62) 3507-5958 (ramal: 5985)

À minha avó, Leni Pereira da Silva, te dedico
esse trabalho, por todos esses anos de
conselhos, de aprendizado, de carinho e amor!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus que me deu oportunidade e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso, que por diversas vezes pensei em desistir, porém mantive minha fé, força de vontade, e coragem superar todos os desafios.

Agradeço a minha família, meu marido, amigos, professores, orientadores e a todos aqueles que me ajudaram a concluir este trabalho.

Tiveram paciência comigo e também deram conselhos em momentos de dificuldade e tensão, que me fizeram ganhar experiência e isso vou guardar por toda minha vida!

RESUMO

A pesquisa objetiva analisar o relacionamento entre alunos surdos e ouvintes e como esse influencia o aprendizado dos discentes com surdez no ambiente educacional. A organização do TCC terá a seguinte divisão de capítulos: no primeiro, a fundamentação teórica; no segundo, a pesquisa de campo, focando sobre a importância de surdos e ouvintes se relacionarem na sala de aula; e, no terceiro, uma avaliação das informações conseguidas. Este trabalho nasce, em meio às suas propostas, pela reflexão sobre as práticas dentro do curso de Pedagogia Bilíngue do IFG. Por isso, defende-se a importância, nesse contexto, da troca linguística entre surdos e ouvintes. Um exemplo: o ouvinte aprender em Língua Brasileira de Sinais - Libras e o surdo aprender em português. Essa interação é importante em sala de aula para melhor futuro do curso e, conseqüentemente, também para a escola em que esses futuros profissionais atuarão. Para analisar toda essa situação, são utilizadas ideias de autores como Gesser (2010), Jesus-Fernandes (2017), Félix (2009), Skliar (2016) e Strobel (2008). Este trabalho é relevante, pois enfatiza o relacionamento entre alunos surdos e ouvintes, visando a melhora no ambiente de sala do curso de Pedagogia Bilíngue e, conseqüentemente, das crianças surdas na escola. Após a pesquisa, entende-se que a interação é importante entre os dois grupos em questão, pois terá reflexo na atuação dos futuros profissionais com as crianças surdas. É fundamental que os ouvintes e surdos tenham interação dentro da língua de sinais como também na língua Portuguesa escrita em sala de aula. É necessário misturar os ouvintes e surdos em atividades, trabalhos e outros, porque o relacionamento no curso Pedagogia Bilíngue hoje vai refletir nos relacionamentos da escola amanhã. Caso contrário, prejuízos poderão ser refletidos na escola, no futuro.

Palavras-chave: Educação bilíngue. Inclusão. Alunos surdos e ouvintes. Interação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: ESCOLA BILÍNGUE E INCLUSIVA, E PEDAGOGIA BILÍNGUE	12
CAPÍTULO II: COLETA DE DADOS	19
CAPÍTULO III: CURSO DE PEDAGOGIA BILÍNGUE MELHOR NO FUTURO	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	35
ANEXO I	37

INTRODUÇÃO

A Educação de Surdos é algo não apenas estudado, mas principalmente vivido. A partir das vivências, vem a inquietação para o tema escolhido: a experiência pessoal. Quando se analisa o comportamento de alunos ouvintes e surdos, percebe-se uma diferença forte em sala de aula. No início do curso, tem-se uma boa procura de interação, porém, com o passar dos semestres, os ouvintes acabam procurando os surdos apenas para tirar dúvidas sobre sinais de Libras. Mas, o movimento contrário não é perceptível; os surdos, que procuram ouvintes para saber o significado de palavras do português, acabam contando com ajuda apenas dos intérpretes.

Observa-se que o afastamento ficou mais claro depois do quarto período, principalmente nas atividades em grupos, em que passou-se a ter grupos só de ouvintes, afastando os alunos surdos dos mesmos. Porém, entende-se que o que falta e o que se necessita é de interação, por isso a escolha do tema deste TCC, compreendendo a importância e visando melhoras para o futuro do curso de Pedagogia Bilíngue.

Para analisar toda essa situação, foram utilizadas ideias de Gesser (2010), Jesus-Fernandes (2017), Félix (2009), Skliar (2016) e Strobel (2008).

Este trabalho é importante, pois foca no relacionamento entre alunos surdos e ouvintes, visando a melhora no ambiente de sala do curso de Pedagogia Bilíngue e, conseqüentemente, das crianças surdas na escola. A interação é importante porque terá reflexo na atuação dos futuros profissionais com as crianças surdas.

O objetivo geral é: analisar o relacionamento entre alunos surdos e ouvintes, e como esse influencia o aprendizado dos discentes com surdez no ambiente educacional. Especificamente, objetiva-se: I. entender a importância do relacionamento dentro do ambiente escolar; II. analisar como é a relação comunicativa entre os surdos e ouvintes no ambiente escolar, por meio de entrevista de campo; e, III. confrontar o resultado dos dados coletados com o levantamento bibliográfico. Tudo isso sempre seguindo a pergunta de pesquisa que é: o relacionamento entre surdos e ouvintes beneficia ou atrapalha o aluno surdo?

A organização deste estudo terá a seguinte divisão de capítulos: no primeiro, a fundamentação teórica; no segundo, a pesquisa de campo, focando sobre a importância de surdos e ouvintes se relacionarem na sala de aula; e, no terceiro,

uma avaliação das informações conseguidas. Por fim, são explanadas as considerações finais.

Esta pesquisa trata de tema muito importante sobre o relacionamento entre os ouvintes e surdos para melhores resultados no curso Pedagogia Bilíngue e também das crianças surdas, futuros discentes do curso.

CAPÍTULO I

ESCOLA BILÍNGUE E INCLUSIVA, E PEDAGOGIA BILÍNGUE

Neste capítulo, será abordada a importância da interação no ambiente escolar. A pessoa surda vive na pele situações que serão abordadas aqui. Será utilizada experiência pessoal em escolas bilíngues/inclusivas, para trazer reflexões. Questionamentos sobre se há comunicação efetiva ou se alunos surdos ficam desconectados ou sentindo-se isolados, perpassarão essa parte da pesquisa.

O que é uma escola bilíngue e inclusiva? Qual é a diferença entre as duas escolas? A diferença é que a escola bilíngue abrange as duas línguas: Libras/Português escrito para surdos, porque a primeira língua é a Libras e a segunda é o Português escrito.

O que tem dentro na aula bilíngue? Os professores ouvintes e surdos têm experiência em Libras e ensinam com a língua de sinais em sala de aula, de modo que todos os discentes da sala são surdos. Sobre a definição dessa escola, Faria-Nascimento (2021, p. 37) afirma:

Escola Bilíngue de Surdos (EBS): é uma unidade escolar da rede regular de ensino, especializada na escolarização e formação integral de estudantes surdos, surdocegos, estudantes com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades/superdotação, assim como de surdos com deficiências associadas. O ensino oferecido nas Escolas Bilíngues de Surdos é mediado pela Língua de Sinais Brasileira, que é primeira língua de instrução, ensino, comunicação e interação nessas escolas; além do português escrito, que é língua de instrução, ensinada como segunda língua, de forma a atender às especificidades linguísticas dos estudantes.

Mas, é importante ressaltar que existem outras propostas, em que os alunos ouvintes também podem participar desse ambiente escolar. O principal é interação em Libras/Português escrito em sala de aula e também no pátio.

Este trabalho nasce, em meio às suas propostas, pela reflexão sobre as práticas dentro do curso de Pedagogia Bilíngue do IFG. Por isso, defende-se a importância, nesse contexto, da troca linguística entre surdos e ouvintes. Um exemplo: o ouvinte aprender em Língua Brasileira de Sinais - Libras e o surdo aprender em português. Esta interação é importante em sala de aula para melhor futuro do curso e, conseqüentemente, também para a escola em que esses futuros profissionais atuarão.

A escola inclusiva tem como língua de ensino o português, a maioria dos alunos é ouvinte e, geralmente, tem-se apenas um surdo. Poucas são as situações que se têm dois alunos surdos ou mais. Estes sempre acompanhados ao lado do intérprete de Libras, fazendo a tradução do(a) professor(a), dando suas explicações, os contextos em sala de aula. Às vezes, os colegas ouvintes tentam aprender a língua de sinais para comunicação com os surdos. O intérprete precisa criar estratégia para motivar o aluno surdo aprender e desenvolver o conhecimento. Porém, por experiência, na maioria das vezes, tem-se apenas um único aluno surdo em sala de aula. Lacerda (2006, p. 170) também comenta sobre essa situação: “O aluno surdo estava sempre acompanhado de uma das intérpretes (que se revezavam em dias alternados da semana) e esta se sentava ao seu lado, ou na frente da classe, dependendo do tipo de atividade proposta”.

Aos 3 anos de idade, na Escola Maria Luzia de Oliveira, foi aprendida a primeira língua de sinais com um professor surdo e a segunda língua, Português escrito. A escola tinha práticas bilíngues, pois coordenadora, secretária, merendeiras e professores ouvintes sabiam Libras; havia interação entre os alunos ouvintes e surdos. A língua de sinais era usada em sala de aula, mas, oficialmente, a escola era considerada especial, com inclusão da 1ª à 5ª série.

Os professores, em sala de aula, explicavam usando a língua de sinais com o bimodalismo, que, para Faria-Nascimento, (2021, p. 36), “compreende a produção simultânea da Libras e da oralização do português, desaconselhável no processo educacional”. Na hora de intervalo, no pátio, a língua oral não era proibida, mas alunos ouvintes respeitavam quando o surdo estava ao lado com eles e usavam a língua de sinais; se não tem ao lado o surdo, conversavam utilizando o português.

A Escola Especial Maria Luiza de Oliveira foi criada em 1990. Até 2008, ocorriam lutas de professores surdos, professores ouvintes, intérpretes e alunos surdos do Brasil todo, culminando na criação do Decreto nº 5.626/05, que já cita sobre Educação Bilíngue em seu texto. Depois de esforços de surdos e intérpretes de Libras, criou-se a Lei de Educação Bilíngue para surdos. Apesar da lei, na realidade não havia Escola Bilíngue, só Escola Especial ou Escola Inclusão.

Infelizmente, a Escola Especial Maria Luzia de Oliveira fechou por diferentes motivos. Segundo explicação da Seduc (Secretaria de Estado da Educação), é devido à falta de alunos.

No ambiente escolar, o aluno surdo tem que lutar sozinho para desenvolver, para aprender o conhecimento, escrever, ler em português. Não é incomum esse aluno preferir não ficar dependente do intérprete ou da família para o aprendizado. Não que a família ou os intérpretes não possam auxiliar o aluno surdo, mas, geralmente, ele vai sempre preferir a autonomia.

A 6ª série foi cursada, aos 9 anos de idade, no Colégio Cecília Meirelles, e da 7ª até o Ensino Médio no Colégio Buriti Sereno Garden, escolas inclusivas, com todos os alunos ouvintes, sendo eu a única surda na sala de aula. Havia um intérprete de Libras sempre acompanhando e se sentava ao lado em dias da semana. O sentimento era de isolamento, além dos assédios psicológicos por parte dos alunos ouvintes. Com o tempo, virou costume e as colegas ouvintes em sala de aula não sabiam a Libras. Na hora de intervalo, na sala, de vez em quando, acontecia conversa com uma prima que sabia Libras e que estudou na mesma sala até o ensino médio. Entende-se que ela não era obrigada a conversar apenas com uma pessoa surda e, por isso, a compreensão sobre quando ela queria conversar com os colegas ouvintes.

No segundo ano do ensino médio, um aluno surdo novo chegou na sala de aula, o que tornou mais fácil a comunicação via língua de sinais. Havia uma intérprete muito paciente, que auxiliava bastante, sempre muito prestativa.

Um dos intérpretes da escola percebeu que uma das pessoas surdas apenas copiava no caderno o conteúdo que o/a professor(a) escrevia no quadro, pois não conhecia as palavras da língua portuguesa. Por isso, entrou em contato com a avó da mesma para levá-la ao curso de Português para Surdos, no Centro de Apoio ao Surdo – CAS. A intérprete também conversou com a coordenadora para que ela permitisse que o momento da aula de educação física fosse aproveitado para estudar português. Ela ensinava em sala por meio de, primeiramente, imagens e, depois, apresentando o português. Dessa forma, o sentimento era de motivação. Outra intérprete também foi muito importante para a vida acadêmica, pois motivava bastante para o ingresso à faculdade.

Naquela época, percebia-se que a falta de interação já prejudicava bastante. Durante o curso, estudando Vygotsky, foi possível entender realmente o prejuízo causado aos alunos.

Félix (2009, p. 121) esclarece:

Tendo como pressuposto a visão de linguagem apresentada, a autora defende que o processo de ensino-aprendizagem deve, também, ser entendido a partir de uma perspectiva sociointeracional, que define o conhecimento como construído por todos os atores envolvidos no processo: o professor e os alunos. Citando Vygotsky (1989), Freire (1999) acredita que, com base nessa visão, a interação ocorre em um contexto de ação — a sala de aula, onde o conhecimento é entendido como construído por meio da interação de aprendizes e pares mais competentes (o professor ou outros aprendizes), no esforço conjunto de resolução de tarefas, explorando o nível real em que o aluno está e o seu nível potencial para aprender. Assim, o processo de interação em sala de aula deve ser entendido em toda a sua complexidade, envolvendo dificuldades e sucessos na compreensão, negociação das diferentes perspectivas e o controle da interação dos participantes até que o conhecimento seja compartilhado.

No seio familiar, existia interação com primas e avó, que sabiam Libras. Era uma interação familiar comum, com brincadeiras, brigas, piadas e histórias. Havia muita alegria. Elas aprenderam Libras no curso que a escola Maria Luiza de Oliveira oferecia, além do contato com uma pessoa surda na família.

No que tange ao prejuízo que as crianças surdas têm na escola inclusiva, destaca-se a importância do papel de um professor surdo ou bilíngue em Libras, ao invés do intérprete, para o desenvolvimento do conhecimento da criança surda, com fácil identidade. Quanto a isso, Machado (2020, online) destaca o que uma criança surda explica em vídeo no Instagram: “Olá, tudo bem?! Uma criança surda quando entra pra escola sem conhecer a Libras o certo é colocar *de* um intérprete de Libras? Não, ela precisa de um professor surdo ou professor bilíngue!” [transcrição nossa]. A seguir o link e o qr code para facilitar a localização do mesmo: https://www.instagram.com/p/CAnks1nJWXw/?utm_medium=copy_link



Se não colocar professor surdo com criança surda, e deixar apenas um intérprete de Libras, o aproveitamento da criança não será satisfatório, pois a criança surda não sabe Libras, não conhece como é a cultura surda, identidade e também pode até ter prejuízos emocionais. É muito importante no ensino fundamental (do 1º ao 5º ano), as crianças surdas terem interação com um professor

surdo ou bilíngue e não apenas o intérprete de Libras para mediar o ensino dentro da proposta de inclusão.

Em Goiânia e também em Aparecida de Goiânia não existe escola bilíngue de surdos, apenas algumas escolas especiais, diferentemente de outros estados, que já contam com essas instituições bilíngues.

Se o intérprete não tem proficiência é o aluno surdo que fica prejudicado, pois não alcança o conhecimento passado em sala de aula. Quando Secretarias de Educação contratam intérpretes não capacitados, o aluno surdo acaba não desenvolvendo e ficando para trás dos demais discentes.

Machado (2020, online) enfatiza que foi postado um vídeo de uma criança surda no Instagram, falando sobre esse assunto:

Oi, tudo bem?! Estou aqui para pedir a vocês, pessoas que sabem LIBRAS, mas que não tem uma adequada na Língua para interpretar para as crianças surdas nas escolas. Não façam isso, é prejudicial para a criança surda. Façam um curso, se especializem! Trabalhe não apenas por dinheiro, mas por amor também. [transcrição nossa]

Novamente, abaixo o link bem como o qr code para facilitar a localização do mesmo: https://www.instagram.com/p/CAYHmhTJkQe/?utm_medium=copy_link.



Se o intérprete de Libras sabe um pouco e a criança surda não tem identificação com professora surda, ela pode se sentir isolada, não desenvolver o conhecimento em sala de aula. Com isso, a construção do conhecimento citada por Félix (2009) fica muito prejudicada.

Quando os surdos entram na escola bilíngue, não há a dificuldade de acessibilidade, pois todas as interações ocorrem em Libras, conforme exposto por Mascarenhas (2016).

Voltando à realidade do curso do IFG, se o futuro professor ouvinte se forma no curso de Pedagogia Bilíngue, mas não sabe Libras, como seu futuro aluno surdo vai se desenvolver a aprender na sala de aula? É importante que os ouvintes saiam

do curso bilíngues em Libras, mas é sempre bom ressaltar a importância de termos adultos surdos trabalhando no ambiente escolar, de acordo com Skliar (2016), pois ajudará na construção da identidade dos pequenos.

A família de filho ouvinte interage usando o português e fica fácil a comunicação. Nessa situação, dentro do ambiente familiar, sempre há motivação, interação, conversas e conselhos, que ajudam as atividades diárias do filho. A escola atua como um complemento educacional e ensina novos conteúdos a partir dos conhecimentos que as crianças ouvintes trazem de casa.

Já em famílias ouvintes de filhos surdos, poucos sabem língua de sinais e, geralmente, usam apenas gestos caseiros, o que culmina em pouca interação. Nesse contexto, como a criança surda aprenderá a língua de sinais e, conseqüentemente, o português para desenvolver conhecimentos no ambiente escolar por meio de alguma língua? Sobre surdos nascendo em famílias surdas, Quadros e Cruz (2011, p. 17) ressaltam: “Essas crianças apresentam o privilégio de ter acesso a uma língua de sinais em iguais condições ao que as crianças ouvintes têm a uma língua auditiva-oral; no entanto representam apenas 5% da população surda”.

A escola acaba ficando com essa responsabilidade de ofertar língua, interação e conhecimentos iniciais. Professores surdos e ouvintes bilíngues acabam tomando este papel, o de motivar a criança surda para ela desenvolver e aprender, conforme Fernandes e Jesus (2017, p. 1638) observam:

Pesquisadores/as e intelectuais surdos/as (BRASIL, 2014) advogam que a escola precisa prever espaços para interação, conversação, contação de histórias em Libras, uma vez que a maioria das crianças surdas não tem acesso a essa língua no ambiente familiar. As atividades da educação infantil têm como objetivo também a aquisição da linguagem e, por isso, os profissionais que atuam nessa etapa devem ser, prioritariamente, surdos/as e professores ouvintes fluentes em Libras, como referência de língua e da comunidade surda. Essa questão da relação entre as línguas e da prioridade dada à língua de sinais no processo educacional, dependeria da presença de profissionais bilíngues na educação.

Muitas crianças surdas se sentem isoladas no ambiente familiar por não saberem a língua de sinais, não haver interação, motivação e auxílio nas atividades escolares e do dia a dia. Toda essa responsabilidade acaba recaindo sobre o intérprete de Libras e também o professor surdo ou bilíngue no ambiente escolar.

As famílias precisam aceitar a cultura surda, leva-la à escola, cursos e aceitar quando criança surda mostrar que não quer ir à fonoaudióloga, bem como não querer usar o aparelho auditivo. Martins (1997, p. 117) elucida:

O ponto de partida desta nossa reflexão encontra-se no grande valor que a teoria vygotskiana dá ao processo de interação e, em nosso caso específico, como educadores, às intervenções pedagógicas e ao ensino na construção do conhecimento. Aqui é fundamental discutirmos um pouco a noção de Zona de Desenvolvimento Proximal, que fornece subsídios para reforçar o papel de desafiador que o professor deve exercer em seu trabalho com os alunos.

De acordo com a citação acima, percebe-se o quanto é importante a interação de todos os alunos na sala de aula, compartilhando conhecimento e cultura. Mesmo face às dificuldades de se aprender outras línguas, Libras/Português, entende-se a necessidade de esforço e paciência para o aprendizado e consequente interação em sala de aula, pois, sem esse contato, o acesso à Zona de Desenvolvimento Proximal fica comprometido.

Félix (2009, p. 122) salienta:

Além disso, não podemos esquecer-nos de que a maioria dos professores das escolas públicas não sabe a língua materna dos aprendizes surdos. A autora afirma que o entendimento da importância da língua de sinais como meio de instrução deve ser assumido pelos professores e pela instituição de ensino. Isso significa que deveriam ser garantidos aos professores cursos de línguas de sinais e/ou a presença de intérpretes de Libras em suas salas de aulas, sempre que necessário.

Refletindo sobre a citação acima, percebe-se o quão prejudicadas ficam as crianças surdas e lhes falta desenvolvimento na escola, pois a realidade é de professores que não sabem Libras e alguns intérpretes não têm a formação necessária e, por isso, não executam bem seu trabalho.

CAPÍTULO II

COLETA DE DADOS

O presente capítulo mostrará como se deu a coleta de dados. Sobre a pesquisa de campo, Prodanov e Freintas (2013, p. 52) aduzem:

Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação.

Foram entrevistados 4 alunos ou ex-alunos do curso: 2 surdos e 2 ouvintes. Por questões éticas, haverá sigilo quanto aos nomes deles, por isso os nomearemos: O1 e O2, os ouvintes; e, S1 e S2, os surdos. Por conta da pandemia e para manter a segurança sanitária, todas as interações foram online. Para as entrevistas, foi usada a plataforma *StreamYard*, em que o vídeo ficava registrado na plataforma *Youtube*. Cabe ressaltar que os vídeos no *Youtube* estão classificados como não-listados e, por isso, apenas quem tem seus links de acesso terão possibilidade de vê-los (os links não foram repassados para ninguém). Todas as interações ocorreram em Libras (daí a necessidade de uma gravação de vídeo), que depois foram transcritas pela pesquisadora.

Vale ressaltar que a Comissão de Ética e Pesquisa do IFG aprovou esta pesquisa, sob o parecer consubstanciado de número 5.177.339. As entrevistas também eram combinadas sem interação presencial. Por *WhatsApp*, os participantes indicavam melhor dia e horário para eles, para adequação à realidade indicada. Sempre era reforçado a eles sobre o tema do TCC, bem como dos direitos que eles possuem ao participar da pesquisa. Conforme exigido pelo Comitê de Ética, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (em anexo).

Abaixo serão apresentadas as entrevistas, com as respostas dos participantes para cada pergunta. Não será reproduzido neste capítulo o total conteúdo das respostas por questões de espaço, de modo que será mostrado apenas o cerne da resposta apresentada por cada um em cada questão.

Pergunta 1: Você já formou no curso Pedagogia Bilíngue?

O1 tem 44 anos de idade e já formou no curso de Pedagogia Bilíngue.

O2 tem 38 anos de idade, já formou no curso de Administração e, atualmente, cursa Pedagogia Bilíngue.

S1 tem 27 anos de idade, ainda cursa Pedagogia Bilíngue no IFG e gostou muito desse curso.

S2 tem 27 anos de idade e já formou no curso de Pedagogia Bilíngue.

Pergunta 2: Você sabe Libras?

O1 sabe Libras só básico, porque tem um filho surdo fundo, que aos 2 anos de idade ficou doente de meningite.

O2 entrou no curso de Pedagogia Bilíngue, não sabe nada da língua de sinais, começou desenvolvendo contatos com surdos no IFG e também curso lá no CAS. Agora ela trabalhando de intérprete, tem uma aluna surda na escola.

S1 e S2 sabem Libras, elas são surdas.

Pergunta 3: Você acha que é importante a interação entre os surdos e ouvintes?

O1 explicou que a interação entre surdos e ouvintes é importante para fortalecer as relações sociais, o desenvolvimento da língua de sinais, a troca de cultura e a inclusão, de fato.

O2 explicou que é importante que surdos e ouvintes interajam em sala de aula. Não é bom que cada um fique em sua bolha isolado. É primordial que os ouvintes se esforcem em aprender em Libras e os surdos também aprendam em Português para melhor comunicação.

S1 explana que acha relevante, porque os ouvintes não sabem Libras e o surdo não sabe escrever em português em sala de aula. É interação quando os surdos ensinarem para ouvintes aprender em Libras; também o contato com surdos; e, os ouvintes ensinarem para surdos aprenderem a escrever em português. O mais importante é ajudar na troca, na interação entre as línguas Libras/Português.

S2 explicou que sim, mas há pouca interação entre surdos e ouvintes. Apesar da pouca importância dada, seria ótimo que interagissem mais vezes. Percebeu que

os ouvintes focam mais nos professores Bilíngues do que alunos surdos. Os ouvintes precisam saber mais das experiências dentro das áreas de surdez e ensino de surdos. Por que eles escolheram os cursos bilíngues dentro da área de surdez? Não há quase nada de interação, somente professores bilíngues; algumas sabem e algumas não.

Pergunta 4: Você acha que os ouvintes do curso têm contato com surda(o)?

O1 pontuou que é preciso vontade de aprender Libras. Alguns ouvintes conhecem os surdos, têm pouco contato em sala de aula, mas não tem vontade de aprender e também não tem interesse em Libras, porque só aprende um pouco em Libras por causa das provas, depois deixa a Libras.

O2 esclareceu que tinha pouca interação presencial, de modo que alguns ouvintes tinham vergonha de interagirem com os surdos. Depois da educação virtual, por causa pandemia, diminuiu a interação com contatos de alunos surdos e ouvintes.

S1 afirmou que depende; é diferente, porque realmente algumas não têm contato com surdos.

S2 expressou que é difícil a interação entre surdos e ouvintes. Os surdos tentavam conversar com ouvintes, mas não havia interesse. Conversavam usando a Libras com surdos e também se afastavam e que há 4 anos não via quando os ouvintes e surdos não conversam.

Pergunta 5: Por que os surdos só procuram o intérprete e perguntam o que a palavra significa?

O1 respondeu que, às vezes, os surdos não conhecem alguma palavra e procuram o intérprete, para saber o que significa.

O2 falou que, quando alguns surdos leem os textos e se não conhecem algumas palavras, têm vergonha de perguntar ou choque de comunicação com os ouvintes.

S1 salientou que os surdos não conhecem algumas palavras e só procuram um intérprete para saber o que é a palavra, porque terem problemas de comunicação com ouvintes.

S2 explicou que os surdos só pensam que o intérprete sabe de tudo em Libras, por isso é perfeito intérprete.

Pergunta 6: A interação entre surdos e ouvintes beneficia ou atrapalha o aluno surdo em sala de aula?

O1 acha que não atrapalha, mas os ouvintes e surdos precisam se adaptar às culturas, porque são maioria: em torno de 25 ouvintes e só tinha 6 surdos.

O2 apontou que os surdos não são prejudicados em sala de aula, porque os têm direito de participar do curso e educação igual aos ouvintes.

S1 pensa que não atrapalha. Os ouvintes e surdos em contato não atrapalha falar Português e Libras, porque o ouvinte entende Libras e não atrapalha em nada.

S2 constata que atrapalha sim, porque alguns ouvintes sempre gostam de conversar quando os surdos conversam com os professores.

Pergunta 7: A Educação Bilíngue / Inclusão são iguais ou diferentes?

O1, S1 e S2 responderam que são diferentes.

O2 disse que é diferente, porque Educação Bilíngue/Inclusão tem conteúdos diferentes.

Pergunta 8: O que é Educação Bilíngue?

O1 explicou que a proposta de educação bilíngue significa respeito aos surdos e os ouvintes. Um exemplo: surdo L1 sinais de Libras e L2¹ português escrito. Bilíngue tem como objetivo a própria língua de Libras para surdos. Bilíngue tem duas línguas Libras/Português e professores que sabem Libras e cultura surda.

O2 expôs que a educação bilíngue, em sala de aula, tem que adaptar o ensino para surdos, tendo a língua de sinais como primeira língua e o português escrito como segunda língua.

¹ O Surdo aprender Libras como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa escrita como segunda língua (L2). O Ouvinte aprender a Língua Portuguesa como primeira língua (L1) e a Língua Sinais - Libras como segunda língua (L2).

S1 mencionou que dentro da educação bilíngue tem surdos que aprendem Libras e escrevem em português, também surdos de mais fácil contato.

S2 citou que bilíngue é língua natural para surdos, e que em qualquer lugar é fácil conversar com surdos.

Pergunta 9: O que é Educação Inclusiva?

O1 explicou que, na educação inclusiva, só se usa fala em português e o intérprete traduz. Quando o surdo entra na escola inclusiva, ele só acessa.

O2 esclareceu que educação inclusiva tem que integrar, mas todos aprendem a língua portuguesa.

S1 enfatizou que um surdo sozinho em uma escola de inclusão talvez não tenha intérprete. Um exemplo: é difícil para preencher a vaga de intérprete quando aluno surdo entra na escola, pois falta intérprete. Talvez outro aluno surdo novo possa aprender o conhecimento, porém é mais difícil pois os professores não sabem como ensinar Libras para surdos e o intérprete só traduz quando os professores explicam.

S2 diz que não lembra muito bem.

Pergunta 10: A criança surda precisa de um professor surdo ou bilíngue?

O1 ressaltou que a criança surda precisa de dois profissionais: intérprete e surdo(a) bilíngue, porque o professor encontra na criança surda mais facilidade, percebe a identidade surda e o intérprete ouvinte, que sabe Libras fluente, ensina o português escrito para a criança surda.

O2 afirmou que a criança surda precisa de dois professores: ouvinte bilíngue e surdo(a), pois a criança surda tem mais fácil aquisição, também identidade e cultura surda com professor surdo; e, o professor ouvinte ensina a criança surda a escrever em português. É importante que os professores ouvinte e surdo tenham contatos e interajam com criança surda.

S1 observou que depende se os pais de criança surda deixam o professor surdo dar atividades e as aulas com criança surda.

S2 explicou que a criança precisa de professor surdo, porque é mais fácil a aquisição com surdos do que com intérpretes.

Pergunta 11: Você acha que a criança surda fica desconectada ou sentindo-se isolada na escola?

O1 explicou que, na escola de inclusão, a criança surda pode se sentir sozinha, devido a maiores problemas de comunicação. Mas uma única surda só tem contato com intérprete na escola. Tem amigos ouvintes, mas como se comunicar com surda? Disse que as crianças surdas têm se sentido mais sozinhas e desconectadas por problemas de comunicação.

O2 pensa que, na escola inclusiva, a criança surda fica desconectada e se sente sozinha, porque não tem contato com surdos e a metodologia dela é diferente com os ouvintes.

S1 ponderou que crianças surdas têm se sentido sozinhas, tristes, parecem jogadas no lixo, mas as crianças precisam de contato para usarem Libras, o que não é possível com ouvintes, porque os ouvintes não sabem conversar Libras com surdos; falta informação aos surdos.

S2 acha que não, mas pode acontecer. É preciso mais contatos para os surdos.

Pergunta 12: Na pedagogia bilíngue, surdos e ouvintes interagem de forma satisfatória?

O1 explicou que alguns ouvintes conhecem a cultura surda, têm um pouco de contato em sala de aula, mas não têm vontade de aprender ou mesmo interesse em Libras, porque só aprendem um pouco de Libras por causa das provas, depois deixam a Libras.

O2 ressaltou que os ouvintes e surdos precisam conhecer como é a cultura em cada sala de aula. Com ouvintes e surdos sempre em contato na sala de aula, o mais importante é que aconteça a interação na comunicação.

S1 salientou que os alunos ouvintes não querem turma com surdos, parecem preconceituosos, porque os ouvintes percebem que os surdos não sabem se esforçar, deixam eles ficarem desconectados, não querem estar juntos aos surdos.

S2 questionou: o curso de Pedagogia Bilíngue é só para surdos ou para ouvintes? Mas os ouvintes também participam do curso Pedagogia Bilíngue. Por que não aprendeu em Libras? Porque escolheu o curso?

Pergunta 13: Você acha que algo pode ser feito para melhorar a interação no curso de Pedagogia Bilíngue? O quê?

O1 pensa que o curso de Pedagogia Bilíngue, durante os 4 anos, podia ter um pouco mais de troca, de contato com surdos, porque o que adianta estudar muito, depois se formar e não saber Libras ou só um pouco.

O2 entende que, na realidade, os professores mais precisam aprender mais Libras e sobre Educação Bilíngue. Um exemplo: todos professores e coordenador(a) aprenderem Libras, porque sempre há choque de comunicação com surdos.

S1 relata que depende, pois as pessoas são diferentes, mas os surdos e ouvintes precisam de interação. Um exemplo são trocas de interação para desenvolver melhor: os ouvintes aprendem a Libras e os surdos aprendem a escrever em português.

S2 nota que alguns surdos, sempre, em qualquer lugar no IFG, têm problemas de comunicação; um recurso geralmente utilizado é o papel escrito por não haver intérprete. A falta de acessibilidade e também de melhor adaptação na biblioteca e recepção do IFG são exemplos.

Pergunta 14: Acha que surdo aprende pouco português? Por quê?

O1 explicou que os surdos têm dificuldade em português escrito.

O2 percebeu que os ouvintes sabem um pouco de Libras e, a maioria, um pouco de Libras.

S1 assinalou que os pais não ensinaram a escrita do português para o filho surdo; na escola, o surdo aprende só um pouco a escrever o português, mas não igual ao ouvinte, que escreve bem.

S2 frisou que os surdos acham que o português escrito é difícil, mas é bom aprender para que surdos tenham que se esforçar a ler o texto simples.

Pergunta 15: Acha que o ouvinte aprende pouco Libras? Por quê?

O1 explicitou que há problemas de comunicação, porque os surdos falam rápido usando Libras. Alguns colegas ouvintes não sabem nada em Libras e acha que há falta de interesse em contato com surdos.

O2 afirmou que a maioria dos ouvintes não tem se esforçado para aprender Libras. Os surdos têm sempre problemas de comunicação e os ouvintes dificilmente têm contatos com surdos, como interação em sala de aula.

S1 atestou que alguns não têm interesse no contato com surdos.

S2 expressou que não se esforçam, precisam acordar para aprender Libras, porque têm muitos surdos que participam do curso, mas alguns têm pouco esforço.

CAPÍTULO III

O CURSO DE PEDAGOGIA BILÍNGUE MELHOR NO FUTURO

Neste capítulo, serão confrontados os dados colhidos nas entrevistas com as discussões tidas no capítulo 1.

Depois do ingresso ao curso de Pedagogia Bilíngue do IFG - Campus Aparecida de Goiânia, observa-se o comportamento de alunos ouvintes e surdos, e percebe-se uma diferença forte em sala de aula.

Na visão de Faria-Nascimento (2021, p. 39), “Pedagogia Bilíngue: é um curso de Licenciatura que tem como objetivo formar o educador bilíngue apto a trabalhar com a educação de alunos surdos em sua primeira língua e com metodologias de ensino adequadas”.

Deve-se refletir sobre qual a importância da criação de um curso de Pedagogia Bilíngue. É relevante que os atuais alunos (futuros professores) entendam como é a realidade dos discentes surdos e aprendam metodologias que os atendam, começando da língua a ser usada no ambiente escolar. É necessária a comunicação na língua sinais e na língua portuguesa, bem como a interação entre surdos e ouvintes em sala de aula para melhor Educação Bilíngue. Essa experiência precisa começar já na formação desses professores. As entrevistas mostraram como os alunos do curso percebem essa interação no ambiente acadêmico.

Foi possível notar nas respostas das perguntas 3, 4, 12 e 13 que todos concordam que é importante os ouvintes e surdos interagirem e também a ajuda mútua no aprendizado das línguas Libras/Português.

É primordial que ouvintes e surdos tenham sempre contato e comunicação em sala de aula e que os ouvintes conheçam a cultura surda, pois os surdos já conhecem a cultura ouvinte, já que as famílias deles são, em sua maioria, ouvintes. Muitas vezes, há apenas um único surdo na família.

Já dentro do curso Pedagogia Bilíngue, tem-se sempre mais que um surdo por sala, por isso a importância de se evitar o problema de cada um ficar em sua bolha isolado, porque já há 4 anos que os ouvintes e surdos mantêm pouco contato e interação no ambiente de sala de aula. Reflexo maior disso é percebido nas atividades em grupo, em que ouvintes acabam se afastando dos surdos. Observa-se que alguns ouvintes aprendem um pouco em Libras apenas para aprovação nas disciplinas e param por aí com o uso da língua.

É necessário que os alunos do curso tenham ciência do que é Educação bilíngue. Tendo em vista as perguntas 7, 8 e 9 sobre Educação Bilíngue/Inclusão, quase todos concordam e entendem os conceitos de Educação Bilíngue e inclusão, pois aprenderam no curso de Pedagogia Bilíngue, via explicação dos professores, conforme a Proposta curricular para o ensino de português escrito como segunda língua para estudantes surdos, da educação básica ao ensino superior.

Para Faria-Nascimento (2021, p. 37),

Educação Bilíngue de Surdos: é o modelo educacional bilíngue que objetiva a escolarização dos estudantes surdos a partir da aquisição da Libras como primeira língua e da aprendizagem do português escrito como segunda língua. Nesse modelo, a Libras é a língua de comunicação, interação, instrução e ensino, e o português escrito é a língua presente nos recursos instrucionais e a língua alvo desse ensino (BRASIL, 2020 - com adaptações).

A Educação Bilíngue é diferente de inclusão, entretanto, é importante lembrar que, se os ouvintes quiserem trabalhar em uma escola bilíngue de surdos, precisam ter um bom embasamento metodológico e proficiência linguística para tentar prover a melhor educação para as crianças surdas. Assim, evita-se também que elas venham a se sentir isoladas no ambiente escolar.

Muito importante também a discussão sobre a presença de professores surdos no ambiente escolar. Nas respostas da pergunta 10, percebe-se o entendimento dos discentes sobre esse assunto e a concordância que a criança surda precisa de um professor surdo e também ouvinte bilíngue/intérprete, porque a criança surda tem mais facilidade visual, identidade e aquisição com professor surdo, também aprender o português escrito com o ouvinte. Vale ressaltar que não é função do intérprete o ensino, é do professor.

Se o intérprete ouvinte sabe um pouco de Libras e não tem bilíngue surdo, a criança surda pode se sentir sozinha, desconectada, por problemas de comunicação e também não desenvolve o conhecimento. Se o intérprete sabe Libras fluente, precisa de estratégia para que a criança surda desenvolva o conhecimento.

Nas perguntas 14 e 15, alguns ouvintes têm dificuldade em aprender Libras e os surdos também têm dificuldade em aprender Português. O mais importante é que os dois interajam e também se ajudem na troca Libras/Português.

Se um surdo faz o curso de pedagogia e só chama o intérprete para traduzir quando os professores explicarem os conteúdos na sala de aula, como será quando

conseguir trabalhar na escola inclusiva ou escola bilíngue? Perlin e Strobel (2006) definem:

É a partir dessa percepção que a comunidade surda acredita na educação bilíngue e deseja professores que, além de fluentes em LIBRAS nos ambientes de aprendizagem, sejam também suficientemente conhecedores da cultura surda, trazendo como consequência metodológica a implantação do planejamento de aula bilíngue.

Vitorino e Souza (2020, p. 16) ponderam: “Mas o desenvolvimento da aprendizagem efetiva só é realizável através do contato mútuo e comunicativo entre professor e aluno surdo”.

No curso de Pedagogia Bilíngue, os professores ouvintes, em sua maioria, usam a fala e um pouco de Libras e só uns dois professores sabem fluentemente Libras, mas precisa-se das disciplinas 100% para dividir 50% cada, para surdos e ouvintes na sala de aula. Um exemplo: a disciplina de Libras ou Cultura Surda só uma vez semana na sala de aula por causa os ouvintes aprenderem um pouco.

Se mais professores começarem a usar a Libras no curso (já que são modelos), possivelmente terá reflexo nos alunos ouvintes e, conseqüentemente, na interação com os surdos nos momentos das atividades, pois é relevante esse contato e interação em sala de aula. É algo que irá refletir no futuro, quando esses professores formados no curso estiverem no mercado de trabalho.

Em uma das respostas da pergunta 13, a entrevistada ouvinte também assinalou essa importância, pois entende que, na realidade, os professores mais precisam aprender mais Libras e sobre Educação Bilíngue. Um exemplo: todos professores e coordenador(a) aprenderem Libras, porque sempre há choque de comunicação com surdos.

Alguns professores não chegam ao menos a incentivar a interação entre alunos ouvintes e surdos nas atividades em grupo. Alguns colegas ouvintes também não percebem a importância de se fazer os trabalhos ou seminários junto com surdo e organizam grupos somente com ouvintes. Se essa separação continuar em dois grupos, o curso Pedagogia Bilíngue alcançará resultados aquém daqueles que tem potencial para conseguir. Por isso, é importante os ouvintes e surdos interagirem em sala de aula.

Quando o colega ouvinte chama o surdo fazer o trabalho, por exemplo, acha que não precisa chamar o intérprete na reunião com o surdo, e que precisa estudar

e ler sozinho. Mas, se ele tem dúvidas nas palavras no texto, só procura um intérprete para tradução do texto. Os colegas ouvintes já combinaram a reunião sobre o trabalho, já fazem o trabalho e depois jogam na cara do surdo. Desesperado, ele precisa se esforçar para não perder a nota e treinar com intérprete para apresentação.

Na faculdade, no curso de Pedagogia Bilíngue, alguns alunos ouvintes não se esforçam para ter conhecimento da cultura surda e os surdos também não se esforçam para estudar a escrita do português. Mas, o principal, o mais importante é a necessidade de que os ouvintes e os surdos tenham interação em Libras e português para melhor desenvolvimento neste ambiente.

Vitorino e Souza (2020, p. 88) alegam:

Da mesma forma que os alunos ouvintes, os alunos surdos devem vivenciar o ambiente escolar como um espaço destinado à socialização e interação; como um espaço que garanta o seu direito ao aprendizado, que ofereça uma educação de qualidade e respeite a sua cultura e a língua de sinais.

É fundamental que haja interação entre os ouvintes e surdos, o que possibilita contatos em Libras e Português escrito principalmente, e trocas em sala de aula do curso Pedagogia Bilíngue.

Alguns dos alunos ouvintes fazem o curso de Libras, também têm contato com os surdos quase fluentes em Libras e interagem com surdos em sala de aula. Alguns dos alunos surdos não têm interação efetiva com familiares em casa. Os surdos têm principalmente interação e conhecimento só na escola ou faculdade.

É necessário misturar os ouvintes e surdos em atividades, trabalhos e outros, porque o relacionamento no curso Pedagogia Bilíngue, hoje, vai refletir nos relacionamentos da escola amanhã; se não haver essa interação hoje, prejuízos poderão ser refletidos na escola no futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretende-se que a pesquisa deste trabalho possa trazer uma reflexão sobre as práticas no curso Pedagogia Bilíngue no futuro e, conseqüentemente, também as crianças surdas nas escolas em que os egressos do curso forem atuar.

Como resposta para a pergunta de pesquisa: O relacionamento entre surdos e ouvintes beneficia ou atrapalha o aluno surdo? Ao refletir sobre toda trajetória no curso, durante quase 6 anos no IFG, juntando a visão em sala de aula com o tema escolhido, os dados coletados e a partir dos autores chamados ao diálogo, pode-se apontar que os alunos ouvintes contribuem um pouco para o aprendizado dos surdos e vice-versa. De forma alguma esses últimos atrapalham os primeiros. Porém, os surdos poderiam participar do curso de Pedagogia Bilíngue.

Só falta que os alunos ouvintes e surdos tenham mais interação em sala de aula, porque os surdos sempre reclamavam: “por que os ouvintes não querem fazer atividade com surdos?”.

Nota-se que as alunas entrevistadas têm consciência que da importância da interação, mas a realidade é que, em atividades, não tem interação na sala de aula, mas ações diferentes.

Os surdos e ouvintes precisam se misturar nas atividades em grupos. É primordial que haja interação e também contatos em sala de aula, porque se nas atividades em grupos, passa-se a ter grupos só de ouvintes, isso afasta os alunos surdos dos mesmos.

Apesar de já se formarem no curso, talvez os ouvintes bilíngues não saibam Libras. No futuro, se acontecer de uma única criança surda nova entrar na escola inclusiva, como ela aprenderá e desenvolverá o conhecimento? Por isso, podia haver antes contatos com surdos durante a graduação, quase todos dias, de segunda-feira a noite à sábado de manhã.

Apesar do nome, o curso de Pedagogia Bilingue tem como realidade, em sua maioria, práticas de educação inclusiva, já que as aulas são sempre ancoradas nos intérpretes, tal qual acontece na maioria das escolas do ensino básico. O reflexo é o isolamento dos seus alunos surdos, conforme se percebe nas respostas dos entrevistados.

Alguns dos ouvintes sabem pouco em Libras, não tem se esforçado para buscar o conhecimento sobre como é a cultura surda e também não tem interesse no contato com surdos.

Alguns dos surdos também sabem pouco em Português Escrito, porém só acompanham a explicação que vem em Libras. Outros surdos têm se esforçado para escrever bem em português, mas a escrita não é perfeita, e buscam a pesquisa em dicionários ou procuram qualquer intérprete e perguntam sobre o significado de alguma palavra ou outra dentro da língua portuguesa.

A interação via Libras no curso superior ajudará os dois grupos a se desenvolverem. Os alunos ouvintes têm consciência da importância da língua de sinais e conhecem sobre a Cultura Surda. Se não aplicarem estes artefatos hoje, poderão prejudicar seus futuros alunos, pois poderão não ofertar todas as possibilidades de desenvolvimento que estas crianças têm direito.

Os surdos têm sua identidade e as crianças surdas precisam de acesso às suas primeira e segunda línguas. Os professores surdos podem ensinar tanto para as crianças ouvintes como para as surdas, usando metodologias adequadas aos dois grupos em sala de aula. Mas, a formação deve propiciar as ferramentas para esse futuro profissional e, nesse pacote, está inclusa a interação com seus colegas durante o curso.

Os ouvintes não sabem Libras e precisam do contato com o surdo todos os dias. Se não há contato, terão contato com a língua apenas uma vez por semana, em sala de aula, no IFG, campus Aparecida de Goiânia. Além disso, os ouvintes podem procurar para fazer o curso de Libras em outras instituições, como o Centro de Apoio ao Surdo - CAS ou a Associação dos Surdos de Goiânia – ASG, também uma vez por semana. Desta forma, alguns ouvintes se esforçam para conseguir esse contato com surdos, buscando o conhecimento acerca da cultura surda.

Esse empenho acaba incidindo no curso de Pedagogia Bilíngue, pois o relacionamento com colegas surdos acaba melhorando. Se não ocorrer este relacionamento entre surdos e ouvintes, ambas as partes podem ter prejuízos. Situação também refletida no ensino básico e que afeta também crianças e adolescentes na mesma situação.

Quando o professor pede que se organize grupos para realização de atividades, os ouvintes já se apressam em organizar grupos somente com ouvintes, evitando a presença de surdos, pois alguns surdos não procuram contribuir com o

trabalho, já que os mesmos têm dificuldade de ler e escrever em português. Por isso, o grupo dos surdos acaba tendo que se esforçar para conseguir aprovação em um grupo que a comunicação é facilitada pelo uso efetivo da Libras. Da parte dos surdos, também ocorre de evitarem contato com alguns colegas ouvintes, já que não sabem a Libras. É muito importante a interação entre os ouvintes e surdos, o que possibilita contatos em Libras e Português principalmente, e trocas em sala de aula do curso Pedagogia Bilíngue.

Abaixo são elencadas algumas sugestões que podem ser tomadas pelo curso para melhorar a interação entre alunos ouvintes e surdos:

- os professores precisam entender a importância de alunos ouvintes e surdos interagirem em sala de aula e também que sejam tratados com educação e respeito;
- quando o professor organizar os grupos, que ele escolha misturar os alunos ouvintes e surdos em sala de aula; e,
- os alunos ouvintes e surdos ajudem na troca das línguas Libras/Português, o que é uma importante interação em sala de aula.

Apesar da importância da pesquisa, entende-se que ela tem limitações, entre elas o fato de apenas quatro alunas serem entrevistadas. Uma pesquisa com mais participantes seria mais robusta, porém o prazo não permitiu mais pessoas.

Como continuidade da pesquisa, pretende-se fazer em futuro ambiente de trabalho, análise do resultado da graduação na atuação em sala de aula. Caso seja em uma escola inclusiva, almeja-se motivar a criança surda a desenvolver o conhecimento e também melhor futuro para ela. Caso seja na escola bilíngue de surdos fora de estado, melhor ainda, porque é fácil a interação e não têm difícil acessibilidade.

Tomara que no futuro haja possibilidade de estudar mais todo esse contexto, seja em uma pós-graduação ou mestrado, e as pesquisas sobre Educação Bilíngue de Surdos, bem como também a interação entre os ouvintes e surdos.

Para finalizar, foi feito um vídeo em Libras para expressar, na língua natural, o motivo da escolha deste tema e qual o objetivo com a pesquisa. Para pessoa surda, é muito importante ter cada vez mais espaços para se exprimir na língua natural.

Fica aqui o link do vídeo, bem como o Qr-code para facilitar a localização do mesmo: https://www.youtube.com/watch?v=N-_cGk3kzTc



REFERÊNCIAS

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patricia de *et al.* **Proposta curricular para o ensino de português escrito como segunda língua para estudantes surdos da educação básica ao ensino superior.** Brasília: Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação: DIPEBS/SEMESP/MEC, 2021.

FERNANDES, Teixeira. **Surdos e ouvintes juntos no espaço escolar:** o processo de construção do número. Salvador, 2019.

FÉLIX, Ademilde. **O papel da interação no processo de ensino-aprendizagem de português para alunos surdos em uma escola inclusiva.** Campinas, São Paulo, 2009.

GESSER, Andrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade. São Paulo: Parábola, 2009.

JESUS, Jefferson; FERNANDES, Sueli. **Educação Bilíngue para surdos/as:** um estudo comparativo da escola bilíngue e do atendimento educacional especializado (AEE) na escola inclusiva. Paraná, 2017.

LACERDA, Cristina. **A inclusão escolar de alunos surdos:** em alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. Campinas, São Paulo, 2006.

MACHADO, Michele. **Intérprete de LIBRAS x professor surdo ou professor bilíngue!!** Por favor reflitam. Belo Horizonte, 25 maio 2020. Instagram: @misurdamg. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CAnks1nJWXw/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 20 set. 2021.

MACHADO, Michele. **Realidade que minha pequena vivencia nas escolas.** Compartilhe, pessoas q sabem libras precisam vê. Belo Horizonte, 19 maio 2020. Instagram: @misurdamg. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CAYHmhTJkQe/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 20 set. 2021.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula:** Reconhecer e Desvendar o Mundo. São Paulo: FDE, 1997.

MASCARENHAS, Luiza. **Encontros entre surdos e ouvintes na escola regular.** Niterói: Rio de Janeiro, 2016.

PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani. **Metodologia do trabalho científico:** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. Novo Hamburgo: Rio Grande do Sul, 2013.

QUADROS, Ronice. **Educação de Surdos:** A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Artmed, 2008.

QUADROS, Ronice Müller de; CRUZ, Carina Rabello. **Língua de Sinais:** instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SKLIAR, Carlos. **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2016.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro dobre a cultura surda.** Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

VITORINO, Anderson; SOUZA, Rita. **Educação Bilíngue:** O desdobramento das práticas pedagógicas com surdos. Aracaju: Criação, 2020.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO ENTRE SURDOS E OUVINTES NO AMBIENTE EDUCACIONAL: UM RECORTE NO CURSO DE PEDAGOGIA BILÍNGUE”. Meu nome é NARALINNY PEREIRA ROSA, sou o(a) pesquisador(a) responsável e minha área de atuação é Educação de Surdos. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(à) pesquisador(a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) responsável(is), via e-mail (_____) e, inclusive, sob forma de ligação de vídeo ou texto, pois sou surda, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (____)_____. Caso não tenha crédito no momento, me dê um toque a cobrar que providenciarei crédito no seu celular para que possamos nos comunicar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/IFG**, pelo telefone (62) 3237-1821 ou e-mail cep@ifg.edu.br.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

1.1 Título: A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO ENTRE SURDOS E OUVINTES NO AMBIENTE EDUCACIONAL: UM RECORTE NO CURSO DE PEDAGOGIA BILÍNGUE

Justificativa: A inquietação para o tema escolhido vem da minha experiência pessoal, enquanto mulher surda. Quando analiso o comportamento de alunos ouvintes e surdos, percebo uma diferença forte em sala de aula. No início do curso, tínhamos uma boa procura de interação, porém, com o passar dos semestres, os ouvintes acabam procurando os surdos apenas para tirar dúvidas sobre sinais de Libras. Mas, o movimento contrário não percebo, surdos procurando ouvintes para saber o significado de palavras do português, acabam contando com ajuda apenas dos intérpretes. Percebi que o afastamento ficou mais claro depois do quarto período, principalmente nas atividades em grupos, passamos a ter grupos só de ouvintes, afastando os alunos surdos dos mesmos. Porém, entendo que o que falta e o que precisamos é de interação, por isso escolhemos o tema deste TCC, entendendo a importância e visando melhoras para o futuro do curso de Pedagogia Bilíngue.

Objetivos: Analisar o relacionamento entre alunos surdos e ouvintes e como esse influencia o aprendizado dos discentes com surdez no ambiente educacional.

1.2 Procedimentos: Faremos primeiramente uma revisão bibliográfica da teoria que envolve o tema e depois faremos a pesquisa de campo através de pesquisa com graduandos e egressos do curso de Pedagogia Bilíngue, 2 de cada um dos grupos citados. Posteriormente, confrontaremos a revisão bibliográfica com os dados

coletados e dessa análise sairão nossos resultados. **As entrevistas serão feitas online e gravadas via plataforma Meet para posterior análise. A pesquisadora se compromete a tomar as providências possíveis e necessárias para se evitar riscos de maior potencial, como o vazamento de dados, para isso fará uso de plataforma segura e antivírus atualizado. Por isso, é necessário que marque uma das alternativas abaixo.**

- () Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;
- () Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

1.3 Outro risco de maior potencial é o desconforto com as perguntas durante a entrevista. Por isso, a qualquer momento, o/a participante poderá desistir de sua participação, bem como poderá optar por não responder as perguntas da entrevista sem qualquer prejuízo. Caso sinta qualquer desconforto emocional durante a participação, a pesquisadora o lembrará de que ele não é obrigado a responder nada e que pode deixar a pesquisa quando quiser. **Essa decisão, de desistência da pesquisa, pode ser tomada mesmo após o término da entrevista, em qualquer momento da pesquisa,** basta que o participante entre em contato com a pesquisadora e informe sua decisão. No momento da entrevista, a pesquisadora afirmará novamente que o participante está livre para não responder quaisquer perguntas que não o queira, bem como poderá desistir de participar da pesquisa em qualquer momento da mesma. Ela também ficará sempre atenta para evitar causar, ou potencializar, quaisquer constrangimentos que ocorram. Toda assistência será integral, imediata e gratuita. Vale ressaltar que a participação poderá trazer benefícios, não pessoais, mas para a instituição de origem de ambos e para a área de Educação de Surdos.

1.4 O participante não terá nenhuma despesa em sua participação e terá quaisquer despesas, decorrentes da cooperação, ressarcidas pela pesquisadora.

Obs.: Somente o transporte e a alimentação do participante, quando for o caso, tendo em vista que as ligações ao(à) pesquisador(a) podem ser feitas a cobrar, para posterior providência de crédito para a comunicação;

1.5 Garantimos o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato dos(as) participante(s). Do contrário, caso seja do interesse da pesquisa a identificação do participante, **faz-se imprescindível esclarecer a ele(a) também que haverá a divulgação do seu nome quando for de interesse do(a) mesmo(a) ou não houver objeção.**

Por isso, é necessário que marque uma das alternativas abaixo.

- () Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa;
- () Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

1.6 Sempre haverá a garantia expressa de liberdade do sujeito de **se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa,** sem penalização alguma e sem prejuízo algum.

1.7 Sempre haverá a garantia expressa de **liberdade do(a) participante de se recusar a responder questões que lhe causem desconforto emocional e(ou) constrangimento** nas entrevistas da pesquisa, sem nenhuma penalidade;

1.8 Declaramos ao participante que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não;

1.9 Os resultados da pesquisa serão divulgados em banca pública de defesa de TCC, bem como repassado uma cópia da pesquisa a todos os/as participantes.

1.10 Haverá garantia, irrevogável, de indenização aos participantes de quaisquer prejuízos advindos da participação na pesquisa, imediatos ou futuros.

1.11 Parte da pesquisa será feita com os dados coletados em sua entrevista. Os mesmos serão armazenados por, no máximo, 6 meses depois da defesa e então excluídos. Esse armazenamento se justifica pois a pesquisadora poderá precisar revê-los após a defesa, conforme indicações feitas pela banca de avaliação. **De qualquer forma fica assegurada a divulgação dos resultados da pesquisa sem expor qualquer informação que possa identificar os participantes, exceto em casos que os participantes autorizaram, conforme item 1.5. Por isso, é necessário que marque uma das alternativas abaixo.**

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

1.12 O participante receberá uma cópia do termo aqui assinado.

1.13 Antes do início da entrevista, a pesquisadora lembrará novamente ao participante que ele pode deixar de responder quaisquer perguntas que ali ocorrerem e que ele pode desistir da participação na pesquisa em qualquer momento da mesma, sem nenhuma penalidade, ainda que a entrevista já tenha sido finalizada. Basta uma comunicação em meio que se possa guardar registro (email, whatsapp...).

1.14 Como a entrevista ocorrerá em ambiente virtual, por meio de aparelho eletroeletrônico, **recomendamos fortemente que o(a) participante use os seus próprios aparelhos** (que já conhece bem o funcionamento), evitando assim riscos de menor potencial, como o de choque elétrico, bem como de se deixar qualquer registro em aparelhos de outrem.

1.15 A assinatura desse termo implica em aceitação de gravação da conversa em vídeo para os fins da pesquisa com comprometimento da pesquisadora de deletar, definitivamente, todos os arquivos em, no máximo, 6 meses após a defesa do TCC. Recomendamos que o participante guarde uma via assinada do termo aqui assinado.

1.16 Declaro que a pesquisadora me explicou sobre a função do TCLE, seu conteúdo e se colocou à disposição para tirar quaisquer dúvidas.

() SIM () NÃO

1.2 Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa:

Eu, _____, inscrito(a) sob o RG/CPF/n.º de prontuário/n.º de matrícula _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulada “A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO ENTRE SURDOS E OUVINTES NO AMBIENTE EDUCACIONAL: UM RECORTE NO CURSO DE PEDAGOGIA BILÍNGUE”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre todo o conteúdo deste termo, pela pesquisadora responsável NARALINNY PEREIRA ROSA, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. **Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.** Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Aparecida de Goiânia, ____ de _____ de _____

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
GOIÁS

Documento Digitalizado Público

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final

Assunto: Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final

Assinado por: Matheus Souza

Tipo do Documento: Documentos

Situação: Finalizado

Nível de Acesso: Público

Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Matheus Pereira de Souza, ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO**, em 28/03/2022 16:17:39.

Este documento foi armazenado no SUAP em 28/03/2022. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 261829

Código de Autenticação: 8981b4a908

